

NOVOS RESULTADOS NO "CASO TEILHARD"?

Dr. Romano Rezek, OSB.

1. Uma bênção do Papa - e duas recusas dos Jesuítas

Mlle. Jeanne-Marie Mortier, legatária dos escritos do Padre Teilhard de Chardin, secretária da Fundação Teilhard de Paris, me tinha escrito na sua carta de 28 de julho de 1981: "Mgr. Poupard, ex-Reitor do Instituto Católico, pediu uma bênção ao Santo Padre pela celebração do centenário [do Padre Teilhard de Chardin]. Esta Bênção deixa um precioso encorajamento pelo dever do Homem e da Igreja". (Veja nosso capítulo: A carta de Gasaroli).

E **Mlle. Mortier** continua, na mesma carta: "Eu tinha esperado que o pedido feito pelo Presidente da República (então Mr. Valéry Giscard d'Estaing), para obter o retorno à França das cinzas do Padre Teilhard, teria recebido uma resposta positiva da Companhia de Jesus. Infelizmente nada resultou, e nós devemos nos resignar diante da decisão da Província Jesuíta da França. Renunciar, mais gravemente, à criação de um centro de trabalho, de reflexão, de oração na aldeia Orcines [perto da mansão de Sarcenat, lugar do nascimento de Teilhard], de onde teria partido uma crescente irradiação espiritual".

Podemos "entender um pouco" . . . que o pedido nestes dois assuntos não tenha sido ouvido pelos Jesuítas, porque **Mlle. Mortier** tinha tido muita coragem de enumerar as razões de seu pedido (mesmo feito por intermédio de um Presidente da República). Com efeito, **Mlle. Mortier** continua assim a sua carta:

"Eu tinha formulado este pedido por muitas razões: [veja somente a primeira, já é "suficiente"].

1º - Direito de exilado perpétuo, por conseqüência de decisões contrárias ao direito natural.

2º - Direito de velho combatente. Numa guerra onde o 'maqueiro' Sacerdote foi constantemente até o fim das forças humanas, procurando os feridos sob os terríveis bombardeios, ele mereceu, sem ferimento, a Legião de Honra e duas Condecorações da Ordem do Exército.

3º - Direito de cientista eminente e de Pensador na linha de Pascal.
Esta recusa é lamentável".

2. Um estranho decreto

O marxista **Roger Garaudy**, no seu livro *Perspectives de l'Homme* (p. 200.) nos oferece um pequeno panorama dos numerosos "contras" e de alguns "pós" à visão sintética do mundo do Pe. Teilhard de Chardin. Nossa bibliografia "**Les premières 15 années (1955-1970)**" enumera em 385 páginas somente os livros e artigos franceses que são a favor, ou contra Teilhard.

O que nos interessa agora, é unicamente o primeiro decreto (a primeira circular?) que **M. Garaudy** nos apresenta no seu livro (publicado antes do **Mo-nitum**, p. 200.): "Um decreto do Santo Ofício de 6 de dezembro de 1957 (pu-

blicado só no número de agosto de 1958 da revista *Relations*, dos Jesuítas de Montréal) decide: "Os livros do Pe. Teilhard de Chardin, S. J., devem ser retirados das bibliotecas dos seminários e das instituições religiosas; não se deve tê-los em venda nas livrarias católicas, e não se deve traduzi-los em outras línguas".

Ora, em pleno Concílio e depois da publicação do **Monitum** contra Teilhard (veja nosso capítulo sobre o **Monitum**), o padre **Paul Grenet**, que nem sempre manifesta uma simpatia muito exagerada para com Teilhard, tinha publicado, no número de 6 de janeiro de 1963 da revista *L'Homme Nouveau*, a afirmação seguinte: "Um primeiro decreto deu ordem aos bispos. Esta ordem chegou aos bispos. Nenhum bispo, que eu saiba, comunicou às livrarias a ordem estrita de não colocar em venda, nem aos tradutores eventuais a ordem severa de não traduzir os livros de Teilhard de Chardin. A verdade é que esta ordem foi tão pouco obedecida que em todos os países e em todas as línguas do mundo lê-se Teilhard. . . A literatura teilhardiana faz sucesso. Ora, justamente, o segundo decreto do Santo Ofício, publicado cinco anos depois do primeiro, constata esse sucesso. Mas ao invés de dar aos 'ordinários' das dioceses e dos institutos religiosos, a ordem de impedir sua leitura, o Santo Ofício, agora, os exorta a avisar os leitores para que estejam atentos aos perigos que os livros de Teilhard contém. Essa sucessão dos dois decretos, adaptando-se a uma situação nova, significa certamente alguma coisa. Os bispos não devem interditar; eles têm a ordem de por os leitores de sobreaviso. . . A venda e a tradução dos escritos do Pe. Teilhard não são proibidas".

Depois deste comunicado do Pe. Grenet, nossos leitores me permitem que eu faça uma pequena confissão, beneditina: foi depois da leitura da declaração do Pe. Grenet que eu comecei — como diz o húngaro: "a todo vapor" — traduzir ao húngaro todos os escritos (não propriamente científicos) do Pe. Teilhard (somente 27 volumes).

3. O **Monitum** do Santo Ofício

O primeiro livro do Pe. Henri de Lubac S. J. (*La pensée religieuse du Père Teilhard de Chardin*, éd. Aubier, 375 pp.) foi impresso no dia 6 de abril de 1962 e posto à venda um pouco antes da publicação (no *L'Osservatore Romano* de 1º de julho de 1962) do **Monitum** do Santo Ofício, datado de 30 de junho de 1962. No seu livro, o Pe. de Lubac afirma (p. 295.): "Tendo em conta, certamente, as inevitáveis imperfeições da natureza humana, a Igreja Católica, essa Mãe sempre fecunda, a qual seria muito pouco dizer que ele [Teilhard de Chardin] ficou sempre e em todas as circunstâncias imutavelmente fiel, ela mesma pode reconhecer com alegria, que em Teilhard de Chardin ela engendrou alguém de que nosso século tinha necessidade, um testemunho autêntico de Jesus Cristo". (Nós reencontraremos essa frase, ou melhor essa citação já truncada e a recusa da afirmação do Pe. de Lubac no fim da explicação do **Monitum**, veja mais abaixo).

A palavra latina **Monitum** significa uma advertência e não uma condenação. É uma orientação, cujo texto mesmo (publicado em latim na *Acta Apostolicae Sedis*, p. 526., de agosto de 1962, como uma decisão da *Suprema Sacra Congregatio S. Officii*) é bem forte e tem por que espantar, mas cujo comentário — que nós vamos analisar aqui abaixo, — mostra bem as tendências de

uma certa filosofia e de uma teologia oficialmente protegida por alguns membros de hierarquia eclesiástica ou do ensinamento tradicionalista. É muito chocante que nem o próprio texto do **Monitum**, nem as explicações (cf. col. 949-956. do número de 15 de julho de 1962 da revista **La Documentation Catholique**, tradução francesa) — nem mesmo mencionam que o Santo Padre teria visto ou autorizado a sua publicação. (É um costume geral que um tal texto não fique dependente só da iniciativa e da realização do S. Ofício!). Também todos conhecem a palavra triste do João XXIII, quando, solicitado por alguns jornalistas no caso deste **Monitum**, respondeu: "Deixe-me em paz, é uma história lamentável!" — Mas o Santo Padre não explicou "o que era lamentável": o fato mesmo do **Monitum** redigido pelo S. Ofício, ou que Teilhard mereceu esta advertência. Quem conhece o caráter do papa João XXIII., sabe bem que ele viu o ato mesmo da **Suprema Sacra Congregatio S. Officii** que, ela, tinha recebido um pouco mais tarde o nome da **Defesa da Fé**. . .

A assinatura do **Monitum** é bem simplificada: **Sebastiano Masala, notarius**. . .

Eis, pois, o próprio texto do **Monitum**:

"Estão sendo divulgadas, mesmo publicadas depois da morte do autor, as obras do padre Teilhard de Chardin, que alcançam sucesso considerável. Pondo de parte o que concerne às ciências positivas, é bastante evidente que, em matéria filosófica e teológica, essas obras abundam [em latim: *scatere*; em francês: *regorgent*] em tais ambigüidades e mesmo até em graves erros que ofendem a doutrina católica. E por isso os eminentíssimos e reverendíssimos padres da Suprema Congregação do Santo Ofício exortam todos os Ordinários, os superiores dos Institutos religiosos, os superiores dos Seminários e os reitores das Universidades, para que protejam os espíritos, principalmente os dos jovens, contra os perigos das obras de Teilhard de Chardin e de seus discípulos.

Roma, no Palácio do Santo Ofício, 30 de junho de 1962.

Sebastiano Masala, notário."

4. O comentário de "L'Osservatore Romano"

Numa breve introdução, este comentário diz honestamente que "pode-se associar àquelas que reconhecem a retidão da intenção do homem [do Padre Teilhard de Chardin] e também às descobertas que ele revelou no terreno das pesquisas científicas, em particular no campo da paleontologia. Mas não se pode senão, primeiramente, ficar perplexo, e depois em desacordo, quando as opiniões do Pe. Teilhard de Chardin [as "opiniões" científicas??] passam do plano científico ao plano filosófico e teológico". — O comendador fica muito contente com a crítica do Pe. de Lubac que diz (p. 122. de seu livro já citado) que "as análises conceituais dos estudos teilhardianos são algumas vezes deficientes", — mas o comentador não continua a frase do Pe. de Lubac que diz: ". . . exatamente lá, no mesmo lugar, onde estas análises apresentam descobertas mais preciosas". É certamente, dizemos, "a atmosfera que Teilhard respirava era aquela das ciências naturais" e "as noções e os termos que ele emprega trazem a marca do meio científico", — mas o comentador não pronuncia nem sequer uma só palavra sobre essa convicção do Pe. de Lubac: "Este pequeno erro, — ligeiro, mas para algumas categorias de leitores, irritante, — não deve nos esconder a tecnicidade elaborada de algumas partes da obra". (Pp. 122-123. do livro do Pe. de Lubac).

O que no método de Teilhard — segundo o comentador — “é um erro grave e fundamental”, é na realidade a **grande hiperfísica teilhardiana**, cujo sistema nunca elaborou, mas sempre aplicou. Que seja suficiente, em nossa brevíssima resposta, citar uma única passagem, onde Teilhard fala de sua atitude (veja sua carta de 2 de abril de 1935, ao **Mgr Bruno de Solages**, sobre seu estudo **Comment je crois**): “1º A respeito da necessidade metafísica da evolução. Parece-me que dada a natureza do meu ensaio, a questão não se põe, devendo mesmo ser evitado (no terreno do meu estudo). O que eu procuro, com efeito, realizar na minha apologética, é não abandonar o plano do experimental. É aí, acredito, que se encontra a mais alta força de minha tentativa. Eu tomo, pois, o Universo com as qualidades cósmicas que ele apresenta, e minha atividade no seio deste Universo: e eu me pergunto como este conjunto pode funcionar estruturalmente. É a hiper-Física ou a Super-Biologia: essa não deveria ser a Metafísica”. O **Pe. de Lubac** nota bem neste assunto: “Teilhard o repetiu muitas vezes. Ele sempre pensou que o essencial de sua reflexão ‘fenomenológica’ era independente de suas incursões no domínio da metafísica. A ‘Fenomenologia’ é para ele ‘a Física generalizada, onde a face interna das coisas será considerada tão bem como a face externa do mundo’”. Nossos leitores nos permitam dar-lhes algumas referências (entre centenas e centenas!) sobre essa **hiperfísica teilhardiana** que nosso comentador deveria ter compreendido antes de criticar Teilhard:

— Madeleine Barthélemy-Madaule: **Bergson et Teilhard**, Paris, Seuil, 1963, les pp. 564-631;

— **Georgio Straniero**: **L'ontologia fenomenologica de Teilhard de Chardin**, Milano, 1969, (Vita e pensiero), 222 pp.;

— Prof. **José Luiz Archanjo**: **A hiperfísica de P. Teilhard de Chardin**, tese de doutorado em filosofia, PUC., São Paulo, 1974, 908 pp.;

— **Pe. Dr. Romano Rezek, OSB.**: **Teilhard hiperfizikája**, (em húngaro), 5 volumes, São Paulo, 1974.

Depois dessa breve introdução, o(s) anônimo(s) do comentário do **Monitum** começa(m) a crítica detalhada que pode-se muito bem dividir em 8 pontos (nós os indicaremos com as primeiras letras do alfabeto). É evidente que para responder, de maneira exaustiva, nós deveríamos apresentar centenas e centenas de páginas. Mas o comentário é também bastante curto, nós podemos pois tocar o “punctum saliens” de todos os pontos criticados, e nós indicaremos alguns livros ou estudos que já responderam a um e outro ponto da crítica feita no comentário.

Nosso único ponto de vista consiste em mostrar muito simplesmente que **malgrado “a complexidade dos problemas abordados” e “além das dificuldades de concepção e as deficiências de expressão dessa audaciosa tentativa de síntese** (veja as expressões de **Mgr. Casaroli**), o **Monitum** de 1962 não deveria declarar que “é bastante evidente que, em matéria filosófica e teológica, essas obras [do **Pe. Teilhard de Chardin**] abundam em tais ambigüidades o mesmo até em graves erros que ofendam a doutrina católica”.

a/. O conceito de criação

Nada pode criar a si mesmo; nada pode se dar a existência, porque este “nada” já deveria existir para poder criar (a si mesmo ou a outros seres), e ao

mesmo tempo deveria não existir, para poder ser criado. Deve pois existir um Ser que não foi criado (dado que o Universo já existe e ele não teria podido nunca criar-se a si mesmo); este Ser, ele também, não tinha podido criar a si mesmo, ele é pois eterno, absoluto, criador de tudo o que existe, etc. Antes de ter sido criado, o universo não existia; é esta intuição filosófica que indica a expressão clássica: o mundo foi criado "ex nihilo sui et sui subjecti". Teilhard não nega o valor filosófico deste puro raciocínio ou de algumas outras provas da existência de Deus. Toda sua inteligência, toda sua alma afirma que "o que há de mais divino em Deus, é que nós não somos nada, de uma maneira absoluta, fora d'Ele". (*Le Milieu Divin*, primeira nota da Primeira Parte). Ele reconhece "o progresso sucessivo de ser criado, a partir de sua primeira aparição fora do Nada". (*Mon Univers*, 1981, p. 276, des *Écrits du temps de la guerre*); mas Teilhard continua na mesma frase: "... até a formação da alma racional, até a agregação dos eleitos ao Corpo místico de Nosso Senhor, estão ligados (senão impelidos) à redução progressiva de uma pluralidade primitiva". É pois a união criadora que o interessa, e ele fala disso sem cessar, afirmando assim o que nós podemos chamar de "criação contínua". Mas ao menos em dois estudos (*Mo. Univers*, 1918, e *Comment je crois*, 1948) diz o Pe. de Lubac (p. 160. do *Colloque de Venise*, publicado sob o título de "Teilhard de Chardin et la pensée catholique", éd. du Seuil, 1965), "Teilhard fala da união de um múltiplo puro, de uma absoluta multiplicidade, que é 'sinônimo do nada'; porque lá onde existe desunião completa do estofo cósmico, 'não há nada'. A teoria teilhardiana da união criadora, se ela não é talvez clara de todos os pontos de vista, é clara ao menos neste: ela não contradiz em nada a idéia de uma criação "ex nihilo" — diz o Pe. de Lubac. (*Ibidem*). — No lugar, pois, de uma "causalitas efficiens" (que Teilhard não nega, mas põe de lado, porque não lhe é suficiente!), Teilhard "vê" um "múltiplo puro", isto é, o "Nada criável", que é uma virtualidade passiva de arranjo (isto é, de união), uma "súplica de ser, à qual. . . tudo se passa como se Deus não tivesse tido a potência de resistir" — cita o comentário as expressões mais teilhardianas. . . Mas a perfeita e absoluta liberdade no ato criador de Deus (*liberrimo consílio* — diz a teologia) não é negado por Teilhard, mas somente completado pelo amor infinito, como o Pe. Rideau bem afirma (p. 333. de seu grande livro sobre Teilhard, éd. du Seuil, 1965): "De acordo com o cristianismo, o pensamento de Teilhard chega à noção de um Amor infinito, que reconduz a si mesmo, por uma imanência de graça, sua livre criação: 'Um Polo supremo'. . .; uma corrente de amor existe para unir tudo".

b/. As relações entre o cosmo e Deus

Muitos "sábios" e teólogos tradicionalistas acusaram Teilhard de um panteísmo pagão, camuflado, herético. Ora, o texto do *Monitum* e seu comentário nem mesmo pronunciam a palavra "panteísmo". O comentador procura, pois, descobrir "uma lógica teilhardiana" que ele poderia chamar de perigosa: "É verdade que Teilhard afirma explicitamente e várias vezes a necessidade e a personalidade transcendente de Deus. Todavia, na lógica teilhardiana, a transcendência divina não está suficientemente exprimida. . . Trata-se de ambigüidades que são certamente causa de perigosos equívocos".

O que se pode responder a esta estranha "lógica" do comentador? Talvez nós devemos mostrar o valor paulino da visão de mundo e da mística do Pe. Teilhard. Tentemo-lo:

"Essa Realidade suprema e complexa para a qual a operação divina nos molda, o que é ela? São Paulo, com São João, no-la revelou. É o Preenchimento quantitativo e a Consumação qualitativa de todas as coisas; é o misterioso Pleroma, onde o Uno substancial e o Múltiplo criado se unem sem confusão numa Totalidade que, sem acrescentar nada de essencial a Deus, todavia será uma espécie de triunfo e de generalização do ser. . . Qual é o Centro ativo, o vínculo vivo, a Alma organizadora do Pleroma? De novo, é São Paulo ainda que no-lo grita com toda força da sua voz. É aquele em que tudo se reúne e tudo se consome, Aquele de que todo o edifício criado recebe sua consistência, — o Cristo morto e ressuscitado, 'qui replet omnia', 'in quo omnia constant' ". (Pp. 148-149. do *Le Milieu Divin*; nós deveríamos citar ainda pelo menos as pp. 113-164.).

O Comentador ficou escandalizado ao ler a expressão teilhardiana: **Deus é o Centro dos centros**. Ele não compreendeu a hiperfísica de Teilhard que possibilita ao menos uma débil compreensão dos mistérios? — e que explica (*L'énergie humaine*, pp. 85-86): "A Personalização do Universo não pode se operar senão salvando para sempre numa Pessoa suprema a soma distinta das 'pessoas' [centros:] nascidas sucessivamente ao curso de sua evolução. Deus não pode ser definido [deste ponto de vista!] senão como um **Centro dos centros**. Nessa complexidade [sem oposições interiores e sem fragilidade dos centros — explica Teilhard imediatamente!] consiste a perfeição de sua Unidade, — o único resultado logicamente assinalável no desenvolvimento do Espírito-Matéria [dos espíritos-centros-humanos que, tal como uma 'matéria', — entram no Espírito Divino]". Nós nunca lemos a visão paulina?: ". . . Ainda que muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós, membros uns dos outros". (Rom 12,5).

Não seria perfeitamente normal que na sua autobiografia espiritual Teilhard pronunciasse alguns termos hiperfísicos que para ele são perfeitamente compreensíveis?: a reciprocidade dos dois agentes, sua atividade mútua de um sobre o outro se exprime, na hiperfísica teilhardiana, pelos verbos: "metamorfosear" (= aquele que é o mais poderoso transforma o outro) e "endomorfosear" (= aquele que é menos poderoso, reage; eis porque, num certo sentido e sobretudo à **nossos olhos, o primeiro também "muda"**). É neste sentido que Teilhard escreve (no seu *Le Coeur de la Matière*, cf. no volume de mesmo título, p. 64.): ". . . na medida em que, das profundezas da Matéria até os cumes do Espírito, Deus metamorfoseia o Mundo, — o Mundo, de sua parte, devia 'endomorfosear' Deus. Sob o efeito mesmo da operação unitiva que O revela a nós (!!!), Deus, de algum modo (!!!) 'se transforma', incorporando-nos n'Ele mesmo". . . Na sua conclusão, Teilhard coloca entre aspas o verbo "achever", quando ele escreve essa frase que deixa perplexo o comentador: "Pois, não se trata simplesmente de vê-Lo (Deus) e de se deixar envolver e penetrar [= ser metamorfoseado] por Ele, — mas **pari passu** (senão primeiramente) descobri-Lo (ou até mesmo, num certo sentido, [!!!] **l'achever** [= aperfeiçoá-lo] sempre mais perfeitamente [= endomorfo-seá-Lo]".

Numa nota da p. 82. do volume *Science et Christ*, o editor completa as citações de Teilhard a respeito da visão "dos fisicistas" ("que são os místicos")

— diz Teilhard): naturalmente, trata-se antes de tudo de vários textos de São Paulo. Nós citaremos só alguns desses textos (muitos!) concernentes à nossa meditação:

— Rom 8,17: “E se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com ele para também com ele sermos glorificados”.

— Ef 4,13: “. . . até que alcancemos todos nós. . . o estado de Homem Perfeito a medida da estatura da plenitude de Cristo”.

— Col 1,24: “Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos por vós, e completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja”. Cf. I Pedro 4,14: “. . . participais dos sofrimentos de Cristo. . .”

O comentador imagina que é uma grande falta o fato de “Teilhard estender e aplicar mais uma vez à **ordem sobrenatural** o seu conceito de unidade, de ação unificadora, que está estritamente ligado a sua teoria evolucionista”. Nós respondemos: Felizmente! — e é assim que, evitando toda espécie de dualismos filosóficos e teológicos, tenta ligar o cosmo a Deus.

Talvez nós compreendamos melhor a convicção de Teilhard (in **La Messe sur le Monde**, p. 36. do volume **Hymne de l'Univers**): “Toda minha alegria e meu sucesso, toda minha razão de ser e meu gosto de viver, meu Deus, dependem desta visão fundamental: Vós estais unido ao Universo”.

c/. O Cristo

Citemos o texto inteiro desse capítulo do **comentário** do **Monitum**, porque esse pretendia criticar alguns pontos essenciais de um tema muito importante, senão talvez o mais existencial, da visão de mundo do Pe. Teilhard:

“Ele [o Pe. Teilhard] começa por uma concepção do Cristo que é pelo menos estranha,

O ‘Ponto Ômega’ é ao mesmo tempo o Cristo ressuscitado: ‘O Cristo da Revelação não é outro que o Ômega da Evolução’. (**Le Christ**, estudo inédito de 1955). E mais adiante: ‘O Cristo salva. Mas não seria necessário acrescentar imediatamente que ele é também salvo pela Evolução?’ (Ibid.).

Lê-se ainda no **Le Coeur de la Matière**: ‘No universo que se revelava para mim num estado de convergência, vós tomastes, Jesus, por direito da Ressurreição, a posição mestra de um centro total para onde tudo se reúne.

No volume editado recentemente (1961), **l'Hymne de l'Univers**, Teilhard retoma essa mesma idéia, mas com maior clareza: ‘Jesus, centro rumo ao qual tudo se move, dignai preparar para nós, a nós todos, se possível, um lugar entre as mônadas escolhidas e santas que, elevadas uma a uma do caos atual por vossa solicitude, se agregam lentamente em Vós na Unidade da Nova Terra’. (p. 80.).

No seu estudo **Le Christique**, já citado, trata-se muito simplesmente e ‘em sentido verdadeiro’, de uma ‘terceira natureza’ do Cristo, nem humana, nem divina, mas cósmica!

Nós não queremos tomar ao pé da letra e ‘num sentido verdadeiro’ tudo o que escreve Teilhard a esse respeito, senão seria uma verdadeira heresia. Mas essas expressões, naturalmente, aumentam a confusão — já grande — das idéias”.

É assim que o **comentador** termina a sua crítica da cristologia teilhardiana. . .

Como o comentador fala de uma "confusão já grande", nós nos permitimos neste capítulo assumir a posição de um professor severo que corrige todas as faltas (e a confusão. . .) de alguém que se imagina o mais esclarecido e o mais inteligente do mundo. Nós pedimos perdão aos nossos leitores, mas não se pode tratar de forma diferente a impertinência do comentador:

— Teilhard não "começa" por "uma concepção estranha do Cristo". Como poderia ele "começar" — no seu último estudo, cujo título — aliás — não é "Le Christ", mas "Le Christique", como o próprio comentador bem escreve (exceto o artigo definido em minúscula) no quinto parágrafo de sua crítica;

— Teilhard explica ao menos quinze vezes o que são os três sentidos do Ponto Ômega:

1/. o último estado de perfeição (de todos os pontos de vista) da Humanidade futura;

2/. o Deus infinito com o que uma grande parte (senão a maior parte) da Humanidade, alcançando seu extremo ponto de Evolução sobre a Terra, gostaria de se unir numa felicidade sobrenatural e eterna;

3/. mas como se unir com um Deus invisível? Unicamente pelo Cristo, Homem-Deus, Alfa e Ômega do Cosmo inteiro que ele salva, porque Ele lhe oferece uma "saída" eternamente feliz; e simultaneamente Ele, o Cristo, é "salvo" pela Evolução, atingindo o seu ponto culminante, porque ela, essa Evolução, esse aperfeiçoamento do ser natural todo, lhe oferece, a Ele, Cabeça cósmica e sobrenatural, — um Corpo, afim de que Deus seja "tudo em todos". . . Naturalmente, quem "se põe na atmosfera" hiperfísica e mística do Pe. Teilhard, descobrirá que ele transpõe para as dimensões da evolução generalizada o que São Paulo nos transmitiu nas suas visões e que durante vinte séculos nós ainda não temos compreendido suficientemente.

Vale a pena lermos uma só passagem dos escritos de Teilhard, para ver e sentir, ("realizar" — como ele diria) sua genialidade mística: p. 181. da primeira edição portuguesa do *Meio Divino* (a segunda edição é publicada — agora — Editora Cultrix, na tradução do Dr. José Luiz Archanjo):

"... O progresso do Universo, e especialmente do Universo humano, não é uma concorrência feita a Deus, nem um desperdício vão das energias que lhe devemos. Quanto mais o Homem for grande, tanto mais a Humanidade será unida, consciente e senhor de sua força, — quanto mais também a Criação for bela, tanto mais a adoração será perfeita, tanto mais o Cristo encontrará, para extensões místicas, um Corpo digno de ressurreição. O Astro que o Mundo espera, sem saber ainda pronunciar seu nome, sem apreciar exatamente sua verdadeira transcendência, sem poder mesmo distinguir os mais espirituais, os mais divinos de seus raios, é forçosamente o Cristo mesmo que esperamos. Para desejar a Parusia, não temos senão que deixar pulsar em nós, Cristianizando-o, o próprio coração da Terra".

Coisa estranha, mas consoladora e reconfortante: nosso comentador, talvez já presentindo o espírito conciliar (o texto de *Gaudium et Spes* foi preparado durante anos!), não acusa Teilhard nem de "terrênismo" (exceto o termo "le monde", ver nosso ponto g/.), nem de vã "poétizar" (que alguns coryphées da abstração filosófica e teológica queriam ridicularizar). . . Mas quando se trata de defender a terminologia fixa e imaginada imutável de sua própria teologia,

nosso censor cria a heresia a respeito da terceira natureza de Cristo (veja os dois últimos parágrafos de sua crítica contra Teilhard, sobre o Cristo). Ora, o **Pe. Henri de Lubac**, no seu último livro sobre Teilhard (**Teilhard posthume**, éd. Fayard, 1977, pp. 95-97.), escreve num tom muito forte e justo: "Esta 'espécie de terceira natureza' do Cristo tem impressionado tanto alguns teólogos. No pensamento de Teilhard, essa terceira natureza queria todavia, como é fácil entender conforme às suas explicações, exprimir uma idéia não somente correta, mas talvez necessária, muito negligenciada pela exegese e a teologia modernas: tratava-se simplesmente, como se exprimia Teilhard na sua carta de 2 de janeiro de 1955 a Mgr Bruno de Solages, de 'suh-distinguir', para mostrar melhor a dominância do Cristo sobre o universo inteiro, 'na natureza humana' do Verbo encarnado 'uma natureza terrestre' e uma 'natureza cósmica' ". — "Pode-se facilmente discutir essa linguagem que Teilhard controlou, ele mesmo, com precauções — continua o **Pe. de Lubac**. Mas não teria ele o direito, mais explicitamente do que as fórmulas clássicas às quais ele não contradizia de forma alguma, de participar da visão paulina da Epístola aos Colossenses? — Como um tal debate, que de tais pressuposições que são de ontem, parecem hoje longe de nós! . . . Não tem-se feito sempre o esforço necessário para bem compreender Teilhard. Mesmo muitas vezes simplificando-o demais, deformaram-no, e até falsificaram totalmente sua doutrina, que é mais complexa, mais rigorosamente precisa nas suas articulações, mais cuidadosamente elaborada nas suas mudanças de planos e de distinções essenciais que muitos acreditaram".

d/. Criação, Encarnação, Redenção

Fica-se pasmado diante do método do comentador: nesse mesmo capítulo, depois de ter falado no capítulo precedente da "terceira natureza" que Teilhard descobre no Cristo, o comentador continua: "Com esse método, é fácil, digamos, é lógico ligar entre si, de modo necessário, a **Criação, a Encarnação e a Redenção**". É uma falta — ou uma heresia? — perguntamo-nos.

Também essa lógica do comentador torna-se estranha nesse mesmo capítulo, quando cita Teilhard (**L'Âme du monde**, 1918, inédito em 1962): "Criação, Encarnação, Redenção, representando cada qual um novo degrau a mais na gratuidade da operação divina. . ." — e **no mesmo capítulo**, repetimo-lo, o mesmo comentador escreve no penúltimo parágrafo: ". . . Não se vê como se poderia logicamente salvaguardar a gratuidade total. . . da ordem sobrenatural e conseqüentemente a gratuidade da graça". — Por que não se vê? . . . "Porque — diz nosso comentador — Teilhard não fez claramente a distinção e a diferença entre a ordem natural e a ordem sobrenatural". — Que Teilhard gostaria — e consegue sintetizar, unir nas mãos de Deus, a ordem natural e a sobrenatural [que ele seja bendito por esta intenção claramente hiperfísica!], é evidente. Mas é evidente, ao mesmo tempo, que ele distingue — mas não separa! — essas "duas ordens". Abramos — por acaso — **Hymne de l'Univers: La Messe sur le Monde**, pp. 20-21.:

"No princípio, havia o poder inteligente, amante e ativo. No princípio, era o Verbo soberanamente capaz de sujeitar a si e modelar toda a Matéria que nascesse. No princípio não havia o frio e as trevas, mas o Fogo, Eis a Verdade.

... Criaturas, somos por nós mesmos, Sombra e Vazio. Sois, meu Deus, o próprio fundo e a estabilidade do Meio eterno, sem duração nem espaço, em que, gradualmente, nosso Universo emerge e se aperfeiçoa, perdendo os limites pelos quais nos parece tão grande. Tudo é ser, não há senão ser em tudo, fora da fragmentação das criaturas e da oposição de seus átomos.

Espírito ardente, Fogo fundamental e pessoal, Termo real de uma união mil vezes mais bela e desejável que a fusão destruidora imaginada por qualquer panteísmo, dignai-vos, esta vez ainda, descer para lhe dar uma alma, sobre a frágil película de matéria nova, com a qual o Mundo vai se envolver hoje.

Eu sei. Não saberíamos ditar, nem mesmo antecipar o menor de vossos gestos. De Vós, todas as iniciativas, a começar por esta de minha oração”.

e/. Espírito e Matéria

A convicção científica, experimental, **hiperfísica** de Teilhard é muito clara: “Não existe o Espírito pela evasão da Matéria, nem o Espírito justaposto incompreensivelmente com a Matéria (tomismo!...), mas o Espírito emergindo (por operação pan-cósmica) da Matéria. — **Materia Matrix**. . . (Carta datada de 13 de março de 1954, publicada na revista **Psyché**, 1955, nº 99-100., p. 9.) — texto que o comentador cita fielmente, como também os textos mais importantes da visão de mundo evolucionista de Teilhard; p. s.: “Não existem, concretamente, Matéria e Espírito; mas existe somente Matéria tornando-se Espírito”. (**L'Énergie humaine**, p. 74.); “O fenômeno espiritual. . . traz uma passagem gradual e sistemática do inconsciente ao consciente, e do consciente ao self-consciente. É uma **mudança de estado cósmico**”. (Ibid., p. 121.).

Nosso comentador parece ter esquecido que Teilhard distingue, na história atual da evolução, dois pontos críticos que transcendem a pura materialidade (imaginada teoricamente!): a aparição da **vida**, e o nascimento do **espírito humano**. E o comentador não dá uma explicação fundamental de Teilhard a esse respeito (ibid., p. 199.): “A conservação da Pessoa não implica, de maneira alguma, (pelo contrário), numa identidade ‘ontológica’ entre o inconsciente e o self-consciente. Ainda que submetida à lei ‘quantitativa’, a personalização permanece, com efeito, essencialmente, uma transformação evolutiva, isto é continuamente geradora de um totalmente novo. . . Nada se perde, todavia tudo se cria”.

Apesar de reconhecer que a hiperfísica teilhardiana insiste sem cessar sobre os saltos, os pontos críticos (a aparição da vida, o nascimento do espírito. . .), sobre a **descontinuidade na continuidade** da evolução dos seres, o comentador imagina “constatar” e repete como uma arara, “que Teilhard não conhece claramente nem mesmo as fronteiras profundas que separam a matéria e o espírito”. Que nos seja suficiente citar — dentre uma centena — um só parágrafo do **Phénomène Humain** (p. 182.), que muito caracteriza a hiperfísica de Teilhard: “Se. . . é o fato de se encontrar ‘refletido’ que constitui o ser verdadeiramente ‘inteligente’, podemos nós seriamente duvidar que a inteligência seja apanágio evolutivo **unicamente** do Homem? E podemos nós conseqüentemente hesitar em reconhecer, por não sei que falsa modéstia, que o poder da inteligência representa para o Homem um avanço radical sobre toda a Vida que o precede? O animal sabe, é certo. Mas certamente **ele não sabe que sabe**: de outro modo

teria há muito tempo multiplicado as invenções e desenvolvido um sistema de construções internas que não poderiam escapar à nossa observação. Por conseguinte, um domínio do Real permanece-lhe fechado, no qual nós nos movemos, nós, — mas onde ele não poderia entrar. Um fosso, — ou um limiar intransponível nos separa dele. Em relação a ele, nós não somos somente diferentes — graças à 'reflexão', — mas somos outros. Isto não é uma simples mudança de grau, — mas uma mudança de natureza, — resultado de uma mudança de estado".

O comentador disse: "... fronteira profunda" ... Teilhard diz: "... um fosso, — ou um limiar — intransponível". A segunda expressão essa de Teilhard, não seria sinônima da primeira, daquela do comentador? E portanto, o comentador, reconhecendo totalmente que pela Igreja "a distinção essencial entre matéria e espírito não foi explicitamente definida", — no último parágrafo de sua crítica profere ameaças contra Teilhard e se refere (sem citar claramente nenhuma frase!) à três documentos eclesiásticos. . . **Sapienti sat.**

f/. O pecado

Num tom arrogante, irônico (e falso. . .), o comentador começa assim esta parte de sua crítica: "Naturalmente, no seu pensamento científico-religioso, Teilhard de Chardin tem uma concepção original do mal e do **pecado**". Nosso censor reconhece que mesmo "no Apêndice de **O Fenômeno Humano** (pp. 345 e s.), Teilhard trata o pecado **ex professo**"; mas não profere nenhuma palavra sobre as dezenas e dezenas de páginas do **Meio Divino**, onde Teilhard medita sobre todas as formas de "**passividades**", deixando "quase sem distinção — como ele mesmo diz, de propósito — o Mal físico e o Mal moral", definindo o pecado como "ato mau, isto é, gesto positivo de desunião". (p. 80.).

O comentador não ignora que Teilhard reconhece o fato do pecado original; ele cita mesmo, a esse respeito, as "boas" palavras de Teilhard (do *Phénomène Humain*, p. 347.); ele cita também uma frase do *Comment je vois*, texto que, em 1962, ainda policopiado, foi divulgado só entre os amigos de Teilhard; deste texto, publicado em 1973, no volume 11. des *Oeuvres*, e dos outros quatro estudos que Teilhard destinou — como **hipóteses provisórias** sobre esse assunto, e também de **inumeráveis** meditações, notas e referências, vê-se claramente que "à ligação estritamente e linearmente hereditária" Teilhard prefere "a solidariedade genética de todos os homens no seio da Humanidade (impregnada do pecado, pela necessidade estatística ('Necessarium est ut adveniant scandala' — cita Teilhard as palavras do Cristo), onde os elos coletivos se descobrem como mais reais e mais profundos entre os indivíduos do que qualquer ligação de tipo estritamente e 'linearmente' hereditária". (P. 213., note 1, do volume 11. das *Oeuvres*: *Les directions de l'avenir*; o título do estudo em questão: *Comment je vois*). Se Teilhard "prefere considerar o pecado de um ponto de vista coletivo mais que individual e, no caso do pecado original. . ." [nós continuamos as palavras do comentador, com as **próprias** palavras de Teilhard, citadas na sua frase precedente]. . ." no caso do pecado original os elos coletivos se descobrem como **ainda mais reais e mais profundos entre os indivíduos** [somos nós que sublinhamos e avisamos: **entre os indivíduos!**] do que qualquer ligação de tipo estritamente e 'linearmente' hereditário" — tudo isso **não significa** o que afirma o

comentador, a saber que "Teilhard se mostra mais de uma vez contrário a uma transmissão hereditária"! (por que nosso comentador não cita os textos exatos?!).

Em todo caso, o que é certo, é que **explicar** — mesmo hipoteticamente — o pecado original, **do ponto de vista hiperfísico**, isto é, desejar compreender um grande mistério por intermédio da visão hiperfísica do mundo: é um esforço inautêntico, e os próprios amigos do Pe. Teilhard reprovam-no honestamente, p. e. o **Pe. de Lubac** (*La pensée religieuse de Teilhard*, p. 168.): "Que ele não era teólogo profissional, é aqui mesmo, talvez, [a propósito do pecado original] que se percebe de modo mais evidente".

Mas como os "teólogos profissionais" conseguirão chegar, no futuro próximo ou remoto, a uma explicação mais "ampla" do pecado original do que aquela dada por dois documentos eclesiais mencionados pelo comentador? E quais serão — quem sabe? — os elementos de uma explicação esboçada por Teilhard que poderão facilitar uma síntese futura? — isto já é uma outra questão e — digamo-lo francamente — uma questão bastante vital para a viabilidade da Igreja católica. . .

g/. O lugar do mundo na ascese do Pe. Teilhard de Chardin

Quando eu li o título desse capítulo (mal redigido pelo tradutor francês), eu esperava que o comentário criticasse p. e. o sentido teilhardiano da frase de São Paulo: ". . . completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo pelo seu Corpo que é a Igreja". (Col 1.24); ou talvez condenasse sua atitude mundana, a sua "ascese original" (como já disse ironicamente o comentador) . . . Nada disso! O comentador "quer admitir que Teilhard, como pessoa privada, teve uma vida espiritual intensa. Nós não temos evidentemente a intenção de nos ater à sua pessoa, mas ao seu método, ao seu pensamento. . . À passagem anteriormente citada de Teilhard de Chardin, como a muitas outras, é preciso dar uma outra dimensão, um outro sentido, porque sua pena, arrebatada pelo entusiasmo, o arrasta bem além da medida certa".

Antes de citar "a passagem anteriormente citada" [veja o 1º parágrafo de nosso 3º capítulo], nós gostaríamos de apresentar simplesmente aos nossos leitores nossa intenção: mostrar o método do comentador, tornar evidente como ele dá "uma outra dimensão, um outro sentido" em diversos pontos de um dos estudos mais profundos de Teilhard. Em outras palavras: nós acusamos — muito humildemente — o comentador (quem quer que seja a pessoa, seu nome, isto não nos interessa!) de falsificação, de uma simples trapaça. Olhemos bem do que se trata:

— o comentador, com o coração sangrando, anuncia: "É com grande pena que nós lemos essas linhas: . . ." (e ele vai citar uma passagem do estudo teilhardiano, cuidadosamente elaborado em 1934, intitulado *Comment je crois* que Teilhard tinha escrito a pedido de **Mgr Bruno de Solages**, carmelita, reitor do Instituto Católico de Toulouse;

— e a passagem citada, onde ela se encontra? Na quarta página do estudo intitulado *Comment je crois* (Como eu creio). Citemo-la com o comentador, e fiquemos pasmados, como ele o é: "Se, em consequência de alguma reviravolta interior viesse a perder sucessivamente minha fé no Cristo, minha fé num Deus

peçoal, minha fé no Espírito, parece-me que continuaria invencivelmente a crer no **Mundo**. O Mundo (o valor, a infalibilidade e a bondade do Mundo) eis, em última análise, a primeira, a última, a única coisa em que creio. É por esta fé que vivo. E com ela sinto que, no momento da morte, me abandonarei acima de qualquer dúvida". (P. 120. do volume 10. das **Oeuvres** de Teilhard, intitulado também **Comment je crois**);

— trata-se de um truque de Teilhard? — para "espantar os burgueses"? Ou ele quer colocar-se na situação existencial de um agnóstico, de um ateu? Talvez... Mas ele diz, ele mesmo (ibid., p. 121.): "A fé no Mundo não difere sensivelmente da aquisição de uma verdade científica. Manifesta-se por certa predileção em aprofundar um fato (a interligação universal) de que ninguém duvida; por uma certa tendência de dar a este fato prioridade sobre os outros resultados da experiência";

— e como Teilhard vai "aprofundar um fato"? e quais serão "os outros resultados da experiência" primordial e brutalmente apresentada (reconheçamo-lo, com nosso comentador)? Esses resultados serão muito positivos (e **nosso comentador não diz sequer uma palavra sobre eles!** — eis sua trapaça, sua desonestidade!) — Ei-los: Teilhard — numa análise profunda, hiperfísica e depois religiosa — vai passo a passo, através das etapas individuais de sua fé: "1/. Fé no Mundo; 2/. Fé no Espírito; 3/. Fé na Imortalidade; 4/. Fé na personalidade" (pp. 120-128.);

— o que ocorreu? Teilhard o diz: "De etapa em etapa, minha crença inicial no Mundo tomou Forma. O que era no início uma intuição confusa da unidade universal, tornou-se sentimento racional e definido de uma Presença. Ao Mundo, agora, eu sei que pertencio e que retornarei não somente pelas cinzas de minha carne, mas por todas as potências desenvolvidas de meu pensamento e de meu coração. **Eu posso amá-lo**. E deste modo, no Cosmo, se desenha agora para mim uma esfera superior do Pessoal e das relações pessoais, eu começo a suspeitar que atrações e direções de natureza intelectual bem poderiam me envolver e me falar. — Uma Presença nunca é muda";

— vêm em seguida meditações que apresentam: 1/. O fenômeno religioso e a escolha de uma religião; 2/. A prova das Religiões; 3/. O Cristo-Universal e a convergência das Religiões. — Teilhard apresentou pois — como ele diz na nota (p. 150.) — "o máximo crescente de coerência universal. Um tal sucesso tem alguma coisa de **objetivo**, ultrapassando os efeitos do **temperamento**";

— não há "sombra na fé"? Certamente (pp. 151-152.). Todavia, os últimos escritos do Pe. Teilhard testemunham o paroxismo da iluminação: "Senhor, porque, com toda a força do meu instinto e através de todas as chances de minha vida, nunca cessei de vos procurar e de vos colocar no coração da Matéria Universal, será no deslumbramento duma Transparência universal e dum Abrasamento Universal que terei a felicidade de fechar os olhos". (**Prière au Christ toujours plus grand**, no fim do **Le Coeur de la Matière**, no volume do mesmo título, p. 67. — escrito em 1950). — Eis como "A Energia se torna Presença". . . e devia provocar, na alma de Teilhard "uma explosão. . . para irradiar e renovar instantaneamente a face da Terra", do mundo que era tudo para ele. (Cf. ibidem, p. 117., na última meditação de Teilhard: **Le Christique**, março de 1955).

O comentador devia, sem dúvida, conhecer o texto todo do estudo **Com-**

ment je crois, porque não censura como herético o texto por ele citado, separado do contexto inteiro e dos resultados da meditação teilhardiana. Ele suspira somente em um tom benigno: "Como teria sido melhor que essas páginas não fossem jamais escritas!" — Também ele faz — momentaneamente (! — esperemos o fim de sua crítica!) — um rosto fingido, dizendo: "Poder-se-ia objetar às nossas críticas por não levarem em consideração o fato que, em numerosos escritos de Teilhard de Chardin, ao lado dos textos citados por nós, existem muitos outros que poderiam freqüentemente aniquilar a interpretação negativa que nós apresentamos. Precisaria, pois, ter em conta todos os textos, são numerosos, para poder julgar Teilhard com objetividade". — Certamente! — nós respondemos ao nosso comentador que parece tomar um tom simulado de objetividade. . . Mas atenção! Ele não disse ainda tudo. O último julgamento vem agora: "Nós também sabemos que Teilhard fez várias vezes afirmações que não são perfeitamente coerentes entre si, quando não são, diretamente opostas ou contraditórias; e nós queremos conceder que seu pensamento permaneceu no plano da problemática. Todavia, [atenção! — eis o golpe de misericórdia definitivo:] seus escritos, em numerosos pontos, permanecem sempre mais ou menos em oposição com a doutrina católica".

h/. O livro do Pe. de Lubac

No primeiro parágrafo de nosso capítulo 3., nós já citamos a longa e elogiosa frase do **Pe. de Lubac** sobre o pensamento religioso de Teilhard de Chardin. O comentário do **Monitum** declara "francamente e honestamente, . . . que nós não estamos de acordo com o julgamento substancialmente favorável dado pelo Pe. de Lubac. . . Os pontos em desacordo com o pensamento do Pe. Teilhard de Chardin são muito importantes e fundamentais para que nós possamos subscrever sem reservas a este julgamento categórico do Pe. de Lubac" . . . — e o comentador, citando **uma parte** da longa frase do **Pe. de Lubac**, já mostra sua "franqueza e honestidade", porque ele salta duas passagens da frase do **Pe. de Lubac**: a primeira diz que "seria muito pouco dizer que Teilhard permaneceu sempre e em todas as circunstâncias imutavelmente fiel à Igreja"; e a segunda passagem que o comentador "esquece" de citar é a seguinte: "Levando em conta, certamente as inevitáveis imperfeições da natureza humana. . ."

E para terminar, o comentador exprime seu desejo e sua ironia: "Nós desejaríamos que os autênticos testemunhos do Cristo. . . não devam se inspirar no 'sistema' científico-religioso de Teilhard". — E esse(s) bom(bons) tipo(s) pensa(m) "ter agido no espírito do 'monitum' publicado hoje pelo nosso jornal". Sim, — sem mesmo mencionar o nome — (e) ou o acordo do Santo Padre. . .

Objetivamente, — "francamente e honestamente", diz o comentador, — quem não deveria reconhecer que o texto mesmo do **Monitum** perde todo o seu valor, seu sentido essencial, fica sem fundamento, porque podemos recusar as suas críticas contidas no comentário de oito pontos. Em outras palavras: malgrado a complexidade dos problemas abordados e além das dificuldades de concepção e as deficiências de expressão da audaciosa tentativa de síntese do Pe. Teilhard [ver as palavras da **Carta de Mgr Casaroli**, abaixo], o **Monitum** de 1962 não teria podido declarar [e é isto exatamente que demonstra a nossa análise de seu comentário!] que "é bastante evidente que, em matéria filosófica e teológica,

as obras do Pe. Teilhard abundam em tais ambigüidades e mesmo até em graves erros que ofendem a doutrina católica”.

Depois de 1962 uma corrente torrencial de toda sorte de publicações “pós” e “contra” Teilhard aumentaram vertiginosamente. (Ver nossa bibliografia: “*Les premières 15 années (1955-1970)*”, São Paulo, 1973, 358 pp.)”. Paulatinamente, mas seguramente a publicação dos 13 volumes das *Ouvres* do Pe. Teilhard foi concluída; poder-se-ia publicar ainda ao menos 7 volumes de textos inéditos; o Editor Fayard não queria publicar senão o primeiro volume do *Journal* de Teilhard, isto é os 5 primeiros cadernos, lidos e explicados por Schmitz-Moormann que os traduziu e publicou também em alemão; ele mesmo publicou — em 11 volumes — os escritos propriamente científicos de Teilhard. . . E depois um silêncio relativo, comparado às discussões febris dos anos 60. . .

Enfim chega-se ao centenário do nascimento do Pe. Teilhard. O Santo Padre, João Paulo II., doutor em teologia e em filosofia, filho da Polônia, onde se conhece bem a obra e a importância religiosamente vivificadora do Pe. Teilhard, — queria fazer um gesto, — desta vez realmente “franco e honesto”: um dia antes do atentado cometido contra ele sugeriu — ou deu ordem (quem sabe exatamente?) — a Mgr Casaroli “fazer alguma coisa”, já que Mlle. Mortier, secretária da Fundação Teilhard de Paris, pediu uma bênção papal para os festejantes do centenário. . . Foi assim que em nome do Papa, Mgr Casaroli escreveu uma carta:

5. A carta de Mgr Casaroli

“L’Osservatore Romano, Quarta-feira, 10 de junho de 1981. [Na primeira página:]

Por ocasião do Centenário do nascimento do Pe. Teilhard de Chardin.

Carta do Card. Casaroli ao Reitor do Instituto Católico de Paris.

[A pequena introdução foi publicada em italiano; o próprio texto da carta: em francês:]

Por ocasião do centenário do nascimento do Padre Teilhard de Chardin, o Cardeal Secretário de Estado Agostino Casaroli enviou a 12 de maio último [um dia antes do atentado contra o Santo Padre] ao Mgr. Paul Poupard, Reitor do Instituto Católico de Paris, sob a presidência do qual, se realizou um encontro em honra do estudioso [Teilhard], a seguinte carta:

Excelência,

A comunidade científica internacional e, em maior escala, o mundo intelectual inteiro preparam-se para celebrar o centenário do nascimento do Padre Pierre Teilhard de Chardin. O eco surpreendente das suas pesquisas, unido ao brilho da sua personalidade e à riqueza do seu pensamento, marcaram de modo duradouro a nossa época.

Uma forte intuição poética do profundo valor da natureza, uma percepção aguda do dinamismo da criação, uma larga visão do futuro do mundo conjugavam-se nele com um fervor religioso inegável.

Do mesmo modo, a sua vontade contínua de diálogo com a ciência do seu tempo e o seu otimismo intrépido perante a evolução do mundo deram às suas intuições, através do fulgor das palavras e da magia das imagens, considerável ressonância.

Inteiramente orientada para o futuro, esta síntese de expressão não raro lírica e permeada pela paixão do universal terá contribuído para voltar a dar aos homens assaltados pela dúvida o sabor da esperança. Mas ao mesmo tempo, a complexidade dos problemas tratados, como a variedade das tentativas utilizadas não deixaram de levantar dificuldades, que motivam justamente um estudo crítico e sereno — tanto no plano científico como filosófico e teológico — desta obra fora do comum.

Nada leva a duvidar que as celebrações do Centenário no Instituto Católico de Paris ou no Museu de História Natural, na UNESCO como em Notre-Dame de Paris, não sejam, sob este ponto de vista, ocasião para um confronto estimulante, para uma justa distinção metodológica dos planos, em benefício de uma rigorosa investigação epistemológica.

Certamente o nosso tempo conservará, para além das dificuldades da concepção e das deficiências da expressão desta audaciosa tentativa de síntese, o testemunho da vida unificada de um homem tomado por Cristo nas profundidades do seu ser, e que teve o cuidado de reverenciar ao mesmo tempo a fé e a razão, respondendo, como que antecipadamente, ao apelo de João Paulo II: 'Não receeis, abri, abri de par em par, as portas a Cristo, os imensos campos da cultura, da civilização e do desenvolvimento'.

Sinto-me feliz em lhe transmitir esta mensagem, em nome do Santo Padre, para todos os participantes no colóquio a que Vossa Excelência preside, no Instituto Católico de Paris, em homenagem ao Padre Teilhard de Chardin, e asseguro a minha fiel devoção. — Agostino, Cardeal Casaroli".

Alguns homens ingênuos ou admiradores de Teilhard bradaram em alta voz, na imprensa internacional: eis Teilhard reabilitado!, eis realizada a revisão do julgamento severo do **Monitum** de 1962!. — Os cínicos repetiram calmamente: Teilhard não precisa nem de elogios, nem de reabilitações, nem de críticas camufladas da boca daqueles que o tinham **quase** condenado — mesmo injustamente!

Houve jornais que não publicaram senão algumas passagens (e as mais elogiosas) da carta do Mgr Casaroli. O exemplo mais estranho (do ponto de vista do anticlericalismo: o mais "inteligente") foi a "composição dos textos" publicados no grande jornal de Paris, **Le Monde**, por H[enri] F[esquet], especialista dos problemas religiosos: ele resumiu a história da carta de Mgr Casaroli (ver o texto italiano que nós citamos em português diante do texto mesmo da carta), depois ele citou "as passagens mais características" (também uma passagem que apresenta algumas reservas), — depois citou a origem histórica do **Monitum** e o **texto mesmo do Monitum** de 1962; enfim, obedecendo aos seus "patrões", ou para excitar a fantasia de seus leitores, ele acrescentou: "A fé católica é, se diz, imutável. Como explicar nessas condições que o julgamento dado pela Igreja de Roma tenha mudado de acento nesse assunto?" (**Le Monde**, 20 de maio de 1981).

Objetivamente e sem levar em conta a política ou a tática de alguns adversários do Pe. Teilhard, o que encontramos na carta do Mgr Casaroli? — exceto os elogios que, — devemos reconhecer "francamente e honestamente", como deveriam reconhecer o redator do texto do **Monitum** e o seu comentador, — infelizmente não se encontram nos **seus** textos. . .

A carta de Mgr Casaroli releva o problema. . .

— “da complexidade dos problemas tratados, como a variedade das tentativas utilizadas que não deixaram de levantar dificuldades”. — Seria preciso caracterizar um pouco “essas tentativas utilizadas” por Teilhard, mas o ante-penúltimo parágrafo explica suficientemente;

— “um estudo crítico e sereno” é exigido sobre todos os três planos do conhecimento, tanto da parte dos “amigos”, como dos “adversários”; — podemos acrescentar objetivamente, “francamente e honestamente”. É um pouco estranho que essa exigência se refira também “ao plano científico”, porque todo o mundo sabe que as descobertas de Teilhard são preciosas e que — de outro lado — seus sucessores já as ultrapassaram largamente;

— Mgr Casaroli demanda “uma justa distinção metodológica dos planos [científico, filosófico, teológico que Teilhard algumas vezes tinha sintetizado de uma maneira inabitual aos olhos de seus leitores];

— tudo isso “em benefício de uma rigorosa investigação epistemológica. . . e para evitar as dificuldades da concepção e das deficiências da expressão desta audaciosa tentativa de síntese”. — Um verdadeiro amigo do Pe. Teilhard não poderia falar mais justamente, mais objetivamente, “mais francamente e mais honestamente”. Obrigado, Mgr. Casaroli! Obrigado, Santo Padre, em nome de quem Mgr. Casaroli escreveu essa carta!

6. Um comunicado da imprensa

Mas as coisas não são tão simples, como pensa um pobre tradutor e comentador (eu mesmo) dos escritos do Pe. Teilhard de Chardin. Eis que a primeira página de 12 de julho de 1981 do *L'Osservatore Romano* publica em italiano um “*Comunicato della Sala Stampa della Santa Sede*”, um comunicado da imprensa, datado de 11 de julho que constata:

— que “alguns órgãos de imprensa interpretaram a Carta [de Mgr. Casaroli]. . ., como revisão das precedentes tomadas de posição da Santa Sé a respeito deste autor [Teilhard de Chardin], e em particular do ‘Monitum’ do Santo Ofício de 30 de junho de 1962, que indicava como a obra do autor continha ambigüidade e erros doutrinários graves”.

— “Foi perguntando se tal interpretação é fundada. . . Podemos responder de modo negativo”. [Quem é — ou quem são — esses “nós”?!]

— E isso. . . “depois de consultar o cardeal secretário de Estado [= Mgr. Casaroli] e o cardeal prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, a qual, por disposição do Santo Padre, tinha sido devida e antecipadamente escutada sobre a carta em questão [= a carta de Mgr. Casaroli].

Depois da constatação desses fatos, eis uma espécie de decisão em dois pontos:

— “Longe de constituir uma revisão das precedentes tomadas de posição da Santa Sé, a carta do cardeal Casaroli exprime reservas, em várias passagens — reservas que alguns jornais calaram —, as quais se referem precisamente ao juízo dado pelo ‘Monitum’ de junho de 1962, embora este documento não seja mencionado de modo explícito”.

E então? — perguntam humildemente, à maneira do Pe. Teilhard de Chardin que sempre obedeceu, — todos aqueles que gostariam de ver as coisas bem definidas, claramente apresentadas, no mesmo espírito do Santo Padre que tinha a coragem de pedir perdão, em nome de alguns cristãos que tinham mal interpretado o caso de Galileu. . . (Teilhard, a respeito do progresso biológico e evolutivo da humanidade, tinha escrito "Une nouvelle question de Galilée" (cf. pp. 317-336. do volume *L'avenir de l'homme*. Mas Teilhard nunca tomou uma "atitude galileana" para com os seus superiores eclesiásticos; mesmo nas suas crises de lágrimas, manifestadas somente na presença do Pe. Pierre Leroy SJ., ele queria saber "se são as gotas do sangue de Cristo que se encontram no seu sofrimento pessoal").

7. As angústias de um teilhardiano

Deveria encerrar este "dossier" inteiro com um suspiro (vitorioso!) do Pe. de Lubac? (ver o último parágrafo do nosso ponto c./.): "Como um tal debate, que de tais pressuposições que são de ontem, parecem longe de nós! . . Não se fez sempre o esforço necessário para bem compreender Teilhard. Mesmo muitas vezes simplificando-o demais, deformaram-no, e até falsificaram totalmente sua doutrina, que é mais complexa, mais rigorosamente precisa nas suas articulações, mais cuidadosamente elaborada nas suas mudanças de planos e de distinções essenciais do que muitos acreditaram".

Sim! Mas justamente, trata-se de **hoje e do futuro!** Hoje, quando os grandes encontros do centenário do nascimento do Pe. Teilhard (— eu não gosto da festividade, "solenidade") se realizam em Paris e no mundo inteiro. De tais encontros amigáveis, naturalmente no quadro de meu trabalho pastoral em Paris e nas dezenas e dezenas de cursos de filosofia nas diversas Faculdades e Universidades do Brasil, eu os organizei durante meu trabalho de tradutor e de comentador teilhardiano, a partir de 1961. E eu não encontrei senão três "casos", onde Teilhard teria sido um "perigo", uma "tentação" à espiritualidade de algum cristão: uma vez, eu comecei a explicar **O Meio Divino**; ora, eu li, por acaso, a segunda parte do lema que precede a Advertência do livro: "**Para aqueles que amam o mundo**"; meu bom cristão tradicionalista bradou em alta voz: "Este livro não é para mim, eu não amo o mundo!". Sorrindo, eu lhe pedi perdão e li o primeiro lema (o verdadeiro) que Teilhard tinha escrito em maiúsculas: "**SIC DEUS DILEXIT MUNDUM**" (Deus amou tanto o mundo que Ele enviou o seu próprio Filho para salvar o mundo). — Numa outra vez, um pintor genial que tinha perturbações psicológicas, me tinha escrito uma série de cartas (depois de ter assistido a 20 das minhas conferências sobre Teilhard), cujo tema central era uma só coisa: "Teilhard toca nas profundezas mais negras de nosso sofrimento, eu tenho um medo terrível disso!" (Simultaneamente, um dos teólogos mais respeitáveis da Hungria, escreveu, num tom negligente e enlouquecedor: "Teilhard esqueceu simplesmente de tratar do problema do mal no seu sistema". Eu peço a permissão para mencionar "simplesmente" que um dos meus comentários teilhardianos trata, em 203 páginas, **Le Mal en Teilhard**, — não no seu sistema que ele nunca quis elaborar, — mas na sua visão sintética do mundo!) — E o terceiro "caso", ainda "válido", porque aquele cristão tradicionalista ainda vive, e ele me escreve: "A Associação Santo Estêvão de Budapest publicou a sua anto-

logia teilhardiana de 686 páginas. Não seria possível que ela publicasse também uma antologia dos textos mais importantes de Santo Tomás de Aquino?" — Sim, mas hoje a publicação de tais obras não é uma coisa fácil. . . , e por outro lado, já existem bons estudos que procuram apresentar Teilhard como o Tomás de Aquino de nossos tempos: a **tradução húngara** do excelente livro de J. Paulo Nunes já está à disposição de meus compatriotas: **Teilhard de Chardin, o Santo Tomás do século XX.**, tese de doutoramento em filosofia no Instituto Católico de Paris, tradução portuguesa: paralelismo filosófico-teológico, convergências e divergências entre Santo Tomás de Aquino e Teilhard de Chardin.

E o futuro? Todos compreendem — como nós já avisamos a nossos leitores, e como o comunicado da imprensa afirma duas vezes: não se trata de "uma revisão das precedentes tomadas de posição da Santa Sé a respeito de Teilhard de Chardin". Como? Existia uma série de "precedentes tomadas de posição da Santa Sé"??? Os especialistas conhecem bem as longas censuras que o Padre Geral da Companhia de Jesus tinha comunicado ao Pe. Teilhard a respeito do **Phénomène Humain, do Milieu Divin**, etc. Mas o Padre Geral dos Jesuítas não é ainda a própria Santa Sé (apesar de ter sido influenciado pela Santa Sé). Conhece-se o estranho decreto (de 1957, ver nosso capítulo 2.) que foi substituído — num sentido muito importante! — pelo **Monitum** de 1962. — O comunicado anônimo da imprensa de 1981 queria que o estranho decreto de 1957 fosse levado "a sério" novamente (já que este comunicado da imprensa fala duas vezes no plural: "das precedentes tomadas de posição da Santa Sé". . . O que significa tudo isso?! Deveria simplesmente — "particularmente", como diz o comunicado da imprensa, — aceitar como orientação o **Monitum** de 1962? que tinha indicado "como [o grifo é nosso] a obra de Teilhard contém ambigüidade e graves erros doutrinários. . . Mas não era o **Monitum**, mas somente seu comentário que tinha mostrado como "é bastane evidente que, em matéria filosófica e teológica, essas obras abundam em tais ambigüidades e mesmo até em graves erros que ofendem a doutrina católica". E como as obras de Teilhard "abundam. . ."? Veja, de novo, os pontos analisados a, b, c, d, e, f, g, h. E o resultado? Não se encontra nenhum "erro grave", nem sequer uma só heresia! Ergo? Pois, a dupla repetição ("das reservas que se referem precisamente ao juízo dado pelo **Monitum de junho de 1962**") é uma simples fórmula sem valor: resta uma advertência disciplinar **sem fundamento**. Não nos espantemos que o comunicado de imprensa tenha sido publicado sem assinatura! Quem (ou que órgão oficial da Santa Sé) se responsabilizaria num tal caso confundido pelos adversários (e, infelizmente, devemos acrescentar: pelos inimigos mortais) do Pe. Teilhard?!

E a permissão eclesiástica da publicação dos escritos do Pe. Teilhard? Como foi possível que o **Pe René d'Ouince S.J.**, que era durante muitos anos o superior do Pe. Teilhard em Paris, tenha escrito à margem de um texto importante, a respeito do pedido de permissão para a publicação do **Phénomène Humain**? "Este texto, puramente científico, não precisa da censura eclesiástica". . . Como foi possível que ao pedido de permissão para a publicação da primeira tradução húngara do **Phénomène Humain**, uma suprema autoridade eclesiástica (N.º 1899/1964) responda: "Eu concedo, no sentido do primeiro parágrafo do Canon 1386, que a tradução húngara do **Phénomène Humain** seja publicada. . . A aprovação eclesiástica oficial não é necessária. . . Aqueles que se

interessam pelas questões científicas, podem muito bem formar sua convicção pela leitura deste livro". Ou: os Padres **H. de Lubac** e **Mgr Bruno de Solages** (um jesuíta e outro carmelita) receberam em 1965, o **NIHIL OBSTAT** e o **IMPRIMATUR** para o grande volume intitulado **Écrits du temps de la guerre** unicamente porque eles preencheram de abundantes notas e explicações os vinte primeiros estudos de Teilhard? (que, — sejamos "francos e honestos", como diria o comentário do **Monitum**, — são os escritos mais "sutis" de um gênio principiante). A publicação dos outros escritos de Teilhard, graças — na maior parte — a **Mlle. Mortier**, legatária oficial dos manuscritos do Padre, não receberam a permissão eclesiástica oficial, porque eles não estavam suficientemente explicados e anotados? Como, pois, é possível que a antologia húngara, intitulada **Út az Ómega felé** (Caminho rumo ao Ómega, 1980, 686 pp.) que contém quase cinquenta escritos, dos mais diversificados, de Teilhard, tenha recebido a permissão eclesiástica oficial. . .

É durante os "grandes dias comemorativos" do centenário do nascimento do Pe. Teilhard que eu escrevo esta meditação angustiada, porque sou francamente e honestamente respeitador de nossa Santa [— pecadora] Igreja Católica, Apostólica e Romana. E eu tenho medo que a humanidade futura, por consequência de algum **Monitum** e de algum **comunicado da imprensa** (se ela ainda os levasse a sério), não possa — com todas as distinções de planos absolutamente necessários! — viver a fé no seio da ciência e a ciência no seio da fé.

São Paulo, 20 de setembro de 1981, quando o arcebispo de Paris rezou a Missa Solene na catedral Notre Dame, pela felicidade eterna do Pe. Teilhard de Chardin.